

A REPRESENTAÇÃO DO IDOSO EM POEMAS DE AUTORES MODERNOS¹

Jéssica Amanda de Souza Silva²

Universidade Federal de Campina Grande

jessyamaior@hotmail.com

Orientadora: Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega³

Universidade Federal de Campina Grande

mariamartanobrega@bol.com.br

Resumo: A sociedade, que vive sob um sistema de lógica capitalista, quase sempre desvaloriza, subestima e exclui os seus idosos. Tal desvalorização é flagrada em várias esferas, inclusive na literatura. Este fato demonstra a importância de estudos acerca do modo como os idosos e suas vivências são representados nos textos literários. Sendo assim, o trabalho proposto teve como objetivo geral analisar a representação do idoso em quatro poemas de autores modernos e, como objetivos específicos, 1) Observar as características físicas e o perfil do idoso representado; 2) Identificar o modo como o idoso vive e atua na sociedade; e 3) Investigar como o idoso representado se sente diante de sua condição idosa. Para que todos os objetivos, previamente propostos, fossem alcançados, elaboramos uma pergunta norteadora – de que modo o idoso é representado nos poemas selecionados? – que orientou os estudos e as análises trazidas no presente trabalho. Fundamentamo-nos, portanto, em dados do IBGE (2005), Mercadante (2010) e Mendes (2012), para a contextualização da situação que vive o idoso brasileiro; Estatuto do Idoso (2003) e Política Nacional do Idoso (1994), para o estudo das leis que regem os direitos desta categoria etária no Brasil; e Candido (1995) e Coutinho (2008), dentre outros, para a discussão em torno das especificidades do gênero mencionado. Os resultados apontam que os poemas trazem a representação de um idoso triste, solitário e esquecido, caracterizando os poemas não somente como criação literária, mas uma denúncia sobre o descaso da sociedade para com os idosos.

Palavras-chave: Poesia; Idoso; Inclusão.

¹Parte do estudo sobre o idoso, presente na introdução deste artigo, é recorte adaptado do trabalho monográfico *A representação do idoso em poemas para crianças* (SILVA, 2014).

²Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande e mestranda em Literatura e Ensino no Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da mesma instituição.

³Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas e professora na Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande.

Abstract: A society that lives under a system of capitalist logic, often devalues, excludes and underestimates its elders. Such devaluation is spotted in various spheres, including literature's. This fact shows the importance of studies about how elderly and their experiences are represented in literary texts. Thus, the proposed work aimed to analyze the representation of the elderly in four poems by modern authors and, specifically aims: 1) To observe the physical characteristics and profile of the elderly represented; 2) to identify how the elderly live and act in society; and 3) to investigate how the elderly represented feels towards his aged condition. For all objectives, previously proposed, were reached, we have developed a guiding question - how the elderly are represented in the selected poems? – which have supervised the studies and analysis brought in this work. We base ourselves therefore to the IBGE (2005) data, Mercadante (2010) and Mendes (2012), to contextualize the situation experienced by the Brazilian elderly; Elderly Statute (2003) and the National Policy for the Elderly (1994), to study the laws that rule the rights of this age category in Brazil; and Candido (1995) and Coutinho (2008), among others, for the discussion around specificities of the genre mentioned. The results pointed out that the poems bring the representation of a sad, lonely and forgotten elderly, featuring the poems not only as a literary creation, but a complaint about the indifference of society towards older people.

Keywords: Poetry; elderly; Inclusion.

Introdução

O crescimento da população idosa⁴ é um fenômeno mundial. No caso brasileiro, há um aumento da participação da população maior de 60 anos no total da população nacional. Segundo Mercadante *et al* (2010) o Brasil registrou, entre 1960 e 2002, um aumento de 500% no número de pessoas idosas e as projeções demográficas para 2010 são de 32 milhões de idosos, colocando o Brasil entre os primeiros do ranking mundial dos países com maior número de idosos.

Ora, o aumento da longevidade da vida deveria ser reconhecido como um ganho para a sociedade, que passa a viver mais e melhor, pois, estima-se que, em 2025, o brasileiro viverá em média até os 75,3 anos (MERCADANTE *et al*, 2010, p. 3). Porém, esse

⁴Como idoso, consideramos aqui a população de 60 anos ou mais, assim como estabelecido na Política Nacional do Idoso (1994).

novo cenário significa gastos para o Estado, pois demanda políticas públicas especiais, sobretudo na área da saúde.

O senso-comum da sociedade capitalista atual é de que os velhos tomam os espaços que antes pertenciam às pessoas mais jovens, mas somente os mais jovens é que teriam condições de produzir. Em uma realidade cultural na qual (quase) tudo é descartável pela incessante novidade, é condição da subsistência estar em harmonia com o novo. (MENDES, 2012).

Em suma, o desenvolvimento e a industrialização, ao passo que permitem longevidade às pessoas, aliados à lógica do consumo e do lucro, acabam por acirrar uma “luta” entre os jovens e as pessoas idosas por um lugar na sociedade. Assim, especialmente no mundo ocidental, “as pessoas em processo de envelhecimento têm enfrentado a desvalia engendrada pelo não reconhecimento de sua importância”, pois, **“na lógica capitalista, quem não produz não tem mais o seu valor”**. (Mendes, 2012, p. 113, grifos nossos). Essa realidade e pensamento comum geram o que a mesma autora denomina de *Bullying na envelhecência*: constrangimento ao idoso na forma de insultos, chantagens, acusações etc., causando a exclusão de inúmeros idosos.

Um dado evidente do descaso para com a pessoa idosa é o alto número de velhos internados em asilos: em 2005, a União financiou 1.146 instituições para 24.859 idosos (ARAÚJO, SOUZA E FARO, 2010). Vale destacar que este número de idosos abrigados se dá num contexto em que, segundo dados do Perfil dos Municípios Brasileiros (IBGE, 2009), apenas 20,6% dos municípios dispõem de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Esta escassez sugere que o número de idosos abrigados seria bem maior se a totalidade dos municípios brasileiros ofertassem este Serviço e, também, que o Estado já encontra dificuldades de atender esta população.

O próprio Estado brasileiro legisla – através do Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), em seu artigo terceiro – que:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e **à convivência familiar e comunitária**. (p.9, grifos nossos).

A despeito da formalização de que a família se constitui a primeira e a principal instância social responsável pelo idoso, muitas vezes, é ela própria que pratica a exclusão de seu velho (MENDES, 2012). O internamento de idosos em condições de se manter em convivência familiar e comunitária é a mais forte expressão desta exclusão. Neste sentido, faz-se necessário uma representação diferente do velho para que a sociedade o perceba e o trate de maneira menos preconceituosa e excludente. É nesta perspectiva que entendemos ser relevante analisar a representação do idoso na poesia.

Metodologia

A nossa pesquisa é de natureza bibliográfica e interpretativa, uma vez que seleciona poemas e os analisa de acordo com o tema a que se propõem versar.

Os poemas selecionados foram coletados em *blogs* de sugestão de leitura, visto que esse tipo de rede social se apresenta como uma ferramenta de fácil acesso para o público-leitor e, os poemas sugeridos são, provavelmente, ampla e constantemente lidos por esse público. Os referidos textos tiveram que responder, portanto, a três critérios previamente elaborados, a saber: 1) Trazerem a representação do idoso em seus versos; 2) Seus poetas serem modernos; e 3) Aparecerem em mais de dois *blogs* de sugestão de leitura (de um total de cinco *blogs* acessados).

Quatro poemas responderam aos critérios de análise: *Retrato*, de Cecília Meireles; *Pior Velhice*, de Florbela Espanca; *Páscoa*, de Adélia Prado; e *Como se morre de velhice*, também de Cecília Meireles. Definido este *curpus*, partimos então para a sua análise, investigando 1) As características físicas e o perfil do idoso representado; 2) O modo como o idoso vive e atua na sociedade; e 3) Como o idoso representado se sente

diante de sua condição idosa, sem perder de vista a pergunta norteadora previamente elaborada – de que modo o idoso é representado nos poemas selecionados? – que orientou os estudos e a análise trazida neste trabalho.

Análise dos resultados

Mendes (2012), ao falar sobre o envelhecimento, afirma que a sociedade impõe para as pessoas a condição de serem e estarem em contato permanente com o novo. Tal fato causa angústia nas pessoas, que se sentem **cobradas a serem** jovens pela eternidade. No poema de Cecília Meireles⁵, *Retrato*, temos a representação de um idoso que se sente extremamente angustiado pela sua aparência envelhecida em contraste com a sua juventude:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?

O poema traz a representação de um(a) idoso(a) que, triste (*eu não tinha este coração/que nem se mostra*), procura, no rosto de hoje, uma aparência que já teve outrora (*Eu não tinha este rosto de hoje [...] Eu não dei por esta mudança*) ao mesmo tempo em que “condena”, não reconhece e renega a atual (*-Em que espelho ficou*

⁵Cecília Benevides de Carvalho Meireles, poetisa, pintora, professora e jornalista brasileira, nasceu no Rio de Janeiro, em 7 de novembro de 1901 e faleceu em 9 de novembro de 1964. É considerada uma das vozes líricas mais importantes da literatura.

perdida a minha face?). Além disso, o eu-lírico faz menção também à sua “invalidez” (*Eu não tinha estas mãos sem força/ tão paradas e frias e mortas;*), o que sugere que o(a) idoso(a) se sente improdutivo, inútil, ocioso. É o que também pode ser observado no poema *Pior Velhice*, de Florbela Espanca⁶:

Sou velha e triste. Nunca o alvorecer
Dum riso são andou na minha boca!
Gritando que me acudam, em voz rouca,
Eu, náufraga da Vida, ando a morrer!

A Vida, que ao nascer, enfeita e touca
De alvas rosas a fronte da mulher,
Na minha fronte mística de louca
Martírios só poisou a emurcheçar!

E dizem que sou nova... A mocidade
Estará só, então, na nossa idade,
Ou está em nós e em nosso peito mora?!

Tenho a pior velhice, a que é mais triste,
Aquela onde nem sequer existe
Lembrança de ter sido nova... outrora...

Neste soneto, tem-se também um eu-lírico triste, características percebidas logo nos primeiros versos (*Sou velha e triste [...] Eu, náufraga da Vida, ando a morrer!*). Este último verso também nos faz pensar que o eu-lírico se sente improdutivo e ocioso. A última estrofe (*Tenho a pior velhice, a que é mais triste, / Aquela onde nem sequer existe / Lembrança de ter sido nova... outrora...*) faz menção a mais um aspecto da velhice: a perda gradual da memória. O eu-lírico, que não se lembra de sua mocidade, afirma ser a perda da memória uma das piores e mais tristes características da velhice.

Já o poema de Adélia Prado⁷, *Páscoa*, traz mais um aspecto a se perceber:

⁶Flor Bela de Alma da Conceição Espanca nasceu em Vila Viçosa, em 8 de Dezembro de 1894 e faleceu em Matosinhos, 8 de Dezembro de 1930), foi uma multifacetada poetisa e contista portuguesa.

⁷Adélia Luzia Prado de Freitas nasceu em Divinópolis, no dia 13 de dezembro de 1935. É poetisa, professora, filósofa e contista brasileira ligada ao Modernismo

Velhice
é um modo de sentir frio que me assalta
e uma certa acidez.
O modo de um cachorro enrodilhar-se
quando a casa se apaga e as pessoas se deitam.
Divido o dia em três partes:
a primeira pra olhar retratos.
A segunda pra olhar espelhos,
a última e maior delas, pra chorar.
Eu, que fui louca e lírica,
não estou pictural.
Peço a Deus,
em socorro da minha fraqueza,
abrevie esses dias e me conceda um rosto
de velha mãe cansada, de avó boa,
não me importo. Aspiro mesmo
com impaciência e dor.
Porque sempre há quem diga
no meio da minha alegria:
“põe o agasalho”
“tens coragem?”
“por que não vais de óculos?”
Mesmo rosa sequíssima e seu perfume de pó,
quero o que desse modo é doce,
o que de mim diga: assim é.
Pra eu parar de temer e posar pra um retrato,
ganhar uma poesia em pergaminho.

Além de trazer essa tristeza e angústia causadas, no idoso, pelo próprio flagrar do envelhecimento (*Divido o dia em três partes/ a primeira pra olhar retratos./ A segunda pra olhar espelhos,/ a última e maior delas, pra chorar.*), pelo cansaço físico e pelo sentimento de invalidez acometida pela longa idade (*de velha mãe cansada[...]*) etc., acrescenta-se, neste poema, a angústia causada pela interação do idoso com pessoas próximas, que o lembram de sua condição (*Porque sempre há quem diga/ no meio da minha alegria: “põe o agasalho”/ “tens coragem?”/ “por que não vais de óculos?”*).

O poema *Como se morre de velhice*⁸, também de Cecília Meireles, traz, além de tudo o que foi comentado nos demais, uma denúncia clara à sociedade moderna: sua indiferença com o idoso:

Como se morre de velhice
ou de acidente ou de doença,
morro, Senhor, de indiferença.

Da indiferença deste mundo
onde o que se sente e se pensa
não tem eco, na ausência imensa.

Na ausência, areia movediça
onde se escreve igual sentença
para o que é vencido e o que vença.

Salva-me, Senhor, do horizonte
sem estímulo ou recompensa
onde o amor equivale à ofensa.

De boca amarga e de alma triste
sinto a minha própria presença
num céu de loucura suspensa.

(Já não se morre de velhice
nem de acidente nem de doença,
mas, Senhor, só de indiferença.)

Observamos, assim, nos poemas analisados, que houve unanimidade no que diz respeito à representação do idoso: foram versados como pessoas fisicamente envelhecidas, incapazes, tristes, angustiados, sem vida, esquecidos.

Segundo Coutinho (2008, p.81), [A] *poesia [...] é a forma literária em que o artista utiliza uma série de meios intermediários – os artifícios líricos – para traduzir a sua visão da realidade e veiculá-la ao leitor. Ainda segundo o autor, é “experiência posta em palavras”*. Neste sentido, se é certo dizer que o eu-lírico de um poema se

⁸Apesar de não ficar clara a presença de um eu-lírico idoso, no poema, em sendo essa interpretação possível, tomaremos a hipótese como verdadeira.



difere de seu autor, é também certo dizer que aquele pode ser o reflexo deste, uma vez que é criado a partir de sua visão de mundo.

Dito isso, e olhando para o nosso *corpus* de análise, cabe agora afirmar que os poemas aqui analisados nos fazem pensar que seus eu-líricos refletem os sentimentos de seus autores. Primeiramente porque são todos bastante subjetivos, escritos em primeira pessoa e traduzem sentimentos muito particulares, além de que não possuem, em sua maioria, uma preocupação estética (rimas, ritmo, musicalidade e outros elementos). Depois, porque seus autores fazem parte, coincidentemente, da mesma escola literária, o Modernismo, e versam, muito tristemente, sobre o mesmo tema: o envelhecimento.

Faz-se importante lembrarmos do contexto em que os poemas foram produzidos e da realidade do idoso na época. Como já afirmamos, a vida moderna e o capitalismo, no início do século XX, foram responsáveis pela representação negativa do idoso em várias esferas da sociedade. Sendo assim, nós concebemos os poemas aqui analisados não somente como uma criação lírica e estética de seus poetas, mas como denúncias sobre a forma pela qual vivia o idoso quando os poemas foram produzidos.

Conclusão

Os poemas analisados, todos de autoria de poetas modernistas, são unânimes em representar o idoso de uma maneira negativa: são pessoas fisicamente envelhecidas, incapazes, tristes e angustiadas por sua condição idosa, sem vida, esquecidos etc. Essa representação negativa não se dá, a nosso ver, por um preconceito ou descaso dos poetas, mas, “denunciam” o descaso da sociedade para com os idosos no período em que foram escritos.

Essa realidade da época do Modernismo não é diferente da que vivemos hoje, pois os idosos ainda são vítimas da indiferença, do preconceito e da exclusão. Por isso, os poemas tratam de temáticas atuais. Pretendemos, em uma pesquisa futura, analisar como ocorre a representação do idoso em outros períodos e escolas literárias, anteriores

e posteriores ao Modernismo, a fim de comprovar a nossa hipótese de essa denúncia acontecer desde o início da vida moderna. Além disto, pretendemos levar os poemas a uma turma de idosos do Programa Interdisciplinar de Apoio à Terceira Idade (PIATI), da UFCG, com o intuito de ouvir o posicionamento dos idosos frente aos poemas aqui analisados.

Referências

BRASIL. *Estatuto do Idoso*. Brasília: Senado Federal. Secretaria Especial de Editoração e Publicações: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2003.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: Vários escritos. 3ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

ESPANCA, Florbela. *Pior velhice*. In: ESPANCA, Florbela. *Sonetos*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 55.

IBGE. *Perfil dos Municípios Brasileiros - Assistência Social 2005*. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/assistencia_social2005/default.shtm. Acesso: 12. mar. 2014.

MEIRELES, Cecília. *Como se morre de velhice*. Disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/como-se-morre-de-velhice-cecilia-meireles>. Acesso: 24. de out. 2014.

_____. *Retrato*. In: MEIRELES, Cecília. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001. s.p.

MENDES, T. M. S. *Da adolescência à envelhecimento: convivência entre as gerações na atualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

MERCADANTE, E. F. *et al*, Editorial. In: *Revista Serviço Social e Sociedade: Velhice e Envelhecimento*. Ano XXIV Nº 75. São Paulo: Cortez, 2010.

PRADO, Adélia. Páscoa. In: PRADO, Adélia. *Bagagem*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.